

A VOZ DO POVO

ORGÃO DE IDÉAS REPUBLICANAS

REDACÇÃO DE DIVERSOS

Propriedade de uma associação

ANNO I

SANTA CATHARINA...DESTERRO—DOMINGO, 21 DE JUNHO DE 1885

NUMER

EXPEDIENTE

Por enquanto publica-se este jornal aos domingos.

—o—

ASSIGNATURAS:

CAPITAL

Semestre.....4\$000

PELO CORREIO

Semestre.....5\$000

NUMERO AVULSO 100 réis

Pagamento adiantado

—o—

Os autographos que nos forem enviados não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

—o—

Publicam-se annuncios por preços rasoaveis.

—o—

Qualquer publicação, não

sendo contraria ás idéas deste jornal, serão feitas por preços muito favoreis.

—o—

E' impresso este jornal no Gabinete Typographico á rua do Principe n. 63, onde se darão quaesquer informações.

A VOZ DO POVO

Desterro, 21 de Junho de 1885.

O TABOLEIRO NO PORTO

Emquanto o governo republicano da America do Norte cogita dos meios de adquirir maior engrandecimento aos seus Estados Unidos, o nosso abate os interesses mais palpitantes do commercio, os das industrias em geral e os da agricultura; e emquanto lá se encaram os destinos do povo como ponto sério, essencial ao seu desenvolvimento material e social, no

nosso paiz é o que menos se respeita, menos se considera, com o o que mais se especula e o que mais se barateia!

E tambem enquanto o presidente e o governo dessa grande America republicana acautelam os brios e a dignidade nacionaes e attendem aos homens que apresentam medidas de grande alcance, de optimo resultado, para aproveitamento dos seus povos, D. Pedro II dorme ou recosta-se nas fôfas almofadas de sua esplendida carruagem de estado, cujos cavallos, no trajecto do palacio da cidade para a quinta imperial em S. Christovão, salpicam de lama o povo que geme, que agonisa, pela miseria que bate ás portas de sua mãe-patria!

E durante o dia e parte da

noite, quando o povo, mo abatido e agonizante balha para difficilmente ter-se, por que o trabalho escasso e pouco rendoso qual ainda paga impem applicação á sua dade, vexatorios portan os homens que consti os poderes publicos, e nentamente risonhos, tando tranquillidade, far mais não poderem e balmente orgulhosos,—conzumbaias de caracteres didos e com sorrisos fe dos mentirosos,—rodeia magestade que os colle em altas posições representivas, que não sabem restar, e o adulam nojentante, garantindo-lhe a vitalidade do Sceptro e da Coroa intuito de não decairem sas posições que lhes ga tem o direito de poderem

FOLHETIM

4

ALFREDO DE SARMENTO

A' SÉSTA

(CONTOS)

AS MÃS LINGUAS

I

O moço operario chorava como uma criança, e por entre os soluços que lhe embargavam a voz, respondeu:

—E', sim senhor.

—Muito bem. Foste sempre um rapazinho bem comportado, e hoje que estás um homem, ninguem tem nada que te dizer. Emquanto pequeno, brincavas com a minha Maria, como se fosses seu irmão, e

tinhas-lhe muita amizade. Cresceste, ganhaste a feria de official, e á força de ver ao teu lado uma rapariga bonita que, a pouco e pouco, se ia fazendo uma mulher, começaste a gostar della de outro modo....

—Sr. mestre...balbuciou Jeronymo.

—Calla-te homem, deixa-me continuar.

Eu entendi logo o caso, e puz-me de observação para que me não fizessem o ninho atraz da orelha. Vi o teu procedimento, conheci que eras um homem hourado, e por isso, sem gastar mais palavras, nem perder mais tempo, venho perguntar-te com toda a minha franqueza da minha alma: queres casar com a minha filha?

Jeronymo ficou como que aturdido, e pouco lhe faltou para cair redondamente no chão; todavia, fazendo um esforço supremo, saltou aos abraços ao velho operario, bradando entre risos e lagrimas:

—Meu bom mestre! meu pae!

Raymundo recebeu-o nos braços, jubilosamente, e proseguiu:

—Basta, homem, olha que me afogas.

Ainda que não respondeste a pergunta que te fiz, bem vejo que estás morrendo por ter o marido da minha Maria. Pois bem,

é negocio feito, e apesar de que todos sabem que estás trabalhando n'uma fabrica na Outrabaada, e só ao domingo vens a minha casa, estas coisas querem ser feitas depressa; ha muita lingua dançada por esse mundo de Christo, e eu não quero que nem por sombras se façam maus juizos da minha filha. Agora, Jeronymo, vae levar esta boa nova á tua noiva, que estou certo ha de pular de contente, e pelo que liz respeito aos papeis e mais arranjos para o casamento, feam por minha conta.

N'aquella noite foi um delirio de alegrias em casa do mestre Raymundo.

Pouco tempo depois, mudava-se este para a vizinhança do mestre Ignacio e da sra Perpetua, a quem ouvimos o dialogo com que encetamos esta narrativa.

O que havia pois de extraordinario no viver domestico do velho operario que desse azo á malediceucia d'aquellas duas boas almas?

Das palavras porão o leitor ao facto do que se passara.

A sra. Perpetua, logo no dia seguinte ao da chegada dos novos vizinhos, contava já que teria mais alguém com quem

cutar nas vidas albeias, fora, por da vizinhança, fazer os seus offerencias a Raymundo e á filha; mas o acolhimento que estes lhe fizeram matou-lhe todas as esperanças de conseguir o que desejava, modo que saíra de casa delles chamando-lhes soberbos e votando-lhes um odioso morte.

Mestre Ignacio não fôra mais feliz. Perava elle desenferrujar a lingua, com do com a freguezia do seu novo vizinho, mas saíram-lhe errados os calculos, que Raymundo, não só lhe não puzera ca os pés na loja, mas nem sequer correspondiam á profunda barretada com que o barbeiro procurava captivar-lhe as sympathias.

Mestre Ignacio, despeitado, fez com a sra. Perpetua, e os improperios chegam sobre o pae e a filha.

Uma segunda feira, por volta do dia, viram elles parar um trem á porta de Raymundo e apear-se delle um rapaz de seus vinte annos, bem vestido, e com quem se possuía avultados bens de D.S.

...ar os nossos recursos
lhes proporcionam o go-
fuma fidalguia que não
recem.

lles gosam a custa do suor
ovo; folgam junto do mo-
cha que sanciona os seus
os escalabrosos; engran-
em-se especulando com
haveres que deviam ser
licados no engrandeci-
nto da patria; riem escar-
tamente de tudo e de to-
; abusam da lei e do direi-
corrompem tudo e tudo
ltam !...

...para elles não ha respon-
bilidade nem punição !

O povo,—o povo pobre,—
o gosa, porque não pode,
ningua de recursos; não
ga e não ri, porque sente
miseria bater-lhe á porta e
ne que a honra tenha que
vir-lhe pela janella e por-
e lamenta o abatimento em
e se acham os negocios do
z; não engrandece-se por
e não dispõe d'um gover-
que lhe facilite o seu de-
volvimento material e in-
lectual, por meio de uma
nceira administração dos
gócios publicos; não ri de
o nem de todos porque
a pudor e teme que lhe su-
o rabor ás faces; respeita
ei e o direito porque com-
ehende que abusar d'elles
ommetter um crime, e o
vo só commette crimes
ando um certo grau de
cura lhe invade o cerebro;
finalmente, não corrompe
n avilta porque tem cons-
ncia e não abusa dos seus
tames e porque tem boa
lole e crê em Deus ..
Que contraste na vida !..

.....
R levem-nos os nossos lei-
res estes confrontos, estas
potheses, estas divagações
esmo, que, aos olhos de
aitos dos irreflectidos e pre-
mpçosos, serão *simples-
ente* taxados de...*absur-*
o; mas que, no nosso en-
tender, e no seu fundo philo-
pico—natural, como ao
za

ver de muita gente, que pen-
sa com critério, que reflecte
sobre os grandes aconteci-
mentos e que ajuiza pela ve-
racidade dos factos, encer-
ram a realidade positiva da
degradação dos povos, acarre-
tada pelos nossos homens de
Estado, e a do abatimento dos
negocios do progresso da pa-
tria, devida á sua ineptia e
maus intentos premeditados.

Mas tudo findará um dia,
quando sahirmos victoriosos
dessa luta renhida em que
combatemos pela liberdade
e civilização do povo, pu-
gnando pela garantia dos di-
reitos de cada cidadão !..

.....
Occupemo-nos, por é m,—
depois de passar em revista
esses contrastes, essas irre-
gularidades, esses desaca-
tos, que lamentamos deve-
ras e contra os quaes pro-
testamos,—de assumptos que
reclamam a mais seria atten-
ção desses homens conheci-
dos por governadores dos
altos negocios e dos que re-
presentam a nossa provincia
ante o poder legislador e ad-
ministrativo.

.....
Está verificado e provado
que dos bons portos nascem
muitas e avultadas riquezas
E a riqueza da nossa pro-
vincia,—desde que o gover-
no, intencionalmente, male-
volamente, pretende rescin-
dir o contracto da Pedro I,
privando-nos desse grande
desideratum catharinen-
se,—consiste em tirar-se, por
meio de dragas, o taboleiro
que tolhe a entrada franca a
navios que caem mais de
12 a 14 pés d'agua.

Tirado elle, esse taboleiro,
esse grande obstaculo ao
nosso progresso, e constru-
indo-se uma Estrada de Fer-
ro a partir do nosso porto,
por terra firme, para Lages,
podemos afoitamente asse-
verar que a nossa provincia
alcançará o progresso que
precisa: as industrias cres-

cerão, a lavoura progridirá,
o commercio sahirá do aba-
timento a que está reduzido
e as rendas geraes e provin-
ciaes quintuplicarão.

E se os resultados benefi-
cos destes melhoramentos
são divididos por nós como
pelo paiz inteiro, porque não
dar-lhes execução ?

Não se tem despendido mi-
lhares de contos em prepa-
rar a barra do Rio Grande,
para dar, se der, entrada
franca e facil á navegação,
sem esperanças de se obter
nella um concerto satisfacto-
rio e eterno ?

Pois se aquella vizinha e
irmã tem direito a um dispen-
dio fabuloso da Nação, por-
que é sua filha, á nossa não
terá igual direito ? Não será
esta, como aquella, tão legi-
tima filha do Imperio do Bra-
zil ?

Se o governo entende que
aquella por ser mais opulen-
ta e mais forte tem mais di-
reito á sua protecção e vigi-
lancia, labora n'um erro por-
que a nossa provincia, por
ser mais fraca e mais pobre,
tem iguaes direitos a essa
protecção porque, no mo-
mento do perigo, no instan-
te em que forem offendidos
os brios e a dignidade da pa-
tria, seus filhos correrão
pressurosos, como os Rio
Grandenses, relativamente, a
defendê-la do perigo com o
sacrificio das suas proprias
vidas.

E mais ainda: do mesmo
modo que o Rio Grande, e as
outras provincias irmãs con-
tribuem proporcionalmente
com seus recursos para ma-
nutenção da integridade do
Imperio, a nossa não con-
tribue com os seus relativa-
mente ?

Consequentemente não mi-
litam razões para que a reci-
procidade de direito não seja
estabelecida.

E depois, se a nossa pro-
vincia é uma das que encer-
ram mais riquezas ainda por
explorar, com quanto algu-

mas d'ellas já conhecidas; se
pode ser uma das que produ-
zam maiores rendimentos ao
estado, como ha de forçosa-
mente produzir desde que se
dêem os melhoramentos de
que tratamos; se está collo-
cada no melhor ponto do sul
do Imperio, pela sua posição
geographica, para fins estra-
tegicos, que devemos ter em
vista, em consideração; se
dispõe de terrenos uberrim-
os que se prestão á planta-
ção quasi geral das varias es-
pecies de arvoredos produ-
tores e ao optimo resultado
da sementeira e colheita dos
cereaes de mais subido valor
em nosso paiz, porque não
ha de gozar das mesmas ga-
rantias, direitos e protecção
que o governo dispensa á
nossa vizinha do sul e a ou-
tras ?!..

Temos resolvido: ou quan-
to antes o governo nos ha de
dotar com esses dois melho-
ramentos, que se tornam in-
dispensaveis ao nosso pro-
gresso, e nós deixaremos de
ser exigentes quanto a outros
de maior dispendio, menos
rendosos e talvez de gran-
de sacrificio para o estado,
ou tornar-nos-hemos imper-
tinentes reclamando-os in-
cessantemente até que nos
sejam dispensados, para o
que envidaremos tudo e tudo
sacrificaremos, ainda que
nos seja preciso, com as nos-
sas doutrinas, dimanadas de
nossas idéas, incutir no es-
pirito do povo, que felizmen-
te nos lê, nes observa, nos
comprehe e nos acredita,
o papel que lhe compete re-
presentar no tocante á admi-
nistração da alta politica do
paiz.

O ESTADO DO PAIZ

Le monde marche, diz
Peletan !
E o Brazil se atraza, dize-
mos nós, tal é o modo porque
é feita a sua direcção ?
Entristecem-nos e muito, a
maneira porque vão cami-
nhando os negocios do paiz,

tendo á sua frente homens que só desejão subir ás mais altas posições, embora este agonise nos ultimos momentos de uma desgraça; embora a humanidade brasileira sobrecarregada de impostos abata-se ao peso de tantos dinheiros que a fazem depositar nos cofres publicos para ostentação dos figurões da velha monarchia.

Uma nação rica, rica de tudo, podendo ter um lugar ao lado d'aquellas illuminadas pelo sol da civilisação, do progresso, cultas inteiramente; jaz quasi no ultimo colloquio, sem protecção de seus homens, sem um olhar sequer do proprio rei!..

E tudo porque?

Porque não ha homens que saibam governar, porque o governo é pessimo e o seu chefe em vez de estudar ou empregar os meios necessarios para o seu adiantamento, lança-o ao vil esquecimento, e governa de accordo com meia duzia de conselheiros, que nem para conselheiros servem, e o paiz retrocede, retrocede cada vez mais, por sendas espinhosas sem ter quem o guie ao bom caminho, á trilha grandiosa do progresso e da civilisação!

Cada dia faz-se um novo ministerio porque a Camara dos senhores deputados, desde o momento que elle se negue a compartilhar nos seus absurdos, apresenta logo uma moção de desconfiança e o ministerio cahere redondamente no f.o.d.o da desmoralisação.

Sóbe outro... e é fadado da mesma sorte, e assim vae caminhando mais e mais o estado aniquillante do paiz sem que ninguem se lembre que na sua perdição está a miseria de muitos senão de todos.

Pobre Brazil! Quando pensavas que, levantando-te do ferrenho jugo de uma metropole barbara, gosarias a tua vida de progresso, eis que teus homens dia a dia, cavão

a tua desgraça para lançar-te á valla negra e horrorosa do desprezo como se atira na valla do cemiterio o cadaver de um miseravel que morre no catre de um hospital!

Quando pensavas ainda, após esta libertação, caminhar á frente das mais fortes e adiantadas nações, como patria de denodados guerreiros da honra e do progresso; quando tinhas a cabeça erguida e os braços estendidos para a immensidade azul, como um gigante orgulhoso de sua riqueza, tal era já a tua elevação;—os teus mandões pouco e pouco, mascarados de casaca bordada a ouro, foram te aniquilando ao peso de muitas cousas despoticas e lançaram-te, finalmente, ao miserando estado de decadencia e que como um moribundo ainda caminhas a precipitar-te do rochedo da honra ao mar bravo da desgraça, porque assim és impellido pela força despotica e devastadora de teus governandos.

E não sejamos republicanos, nós, que somos seus filhos, que nos compadecemos de seu doloroso estado, dizem áquelles cuja consciencia, pelas suas idéas, fugiasse-lhes para divagar nas regiões olympicas da luz da razão, porque ahí poderá ostentar-se melhor no seu throno de summa pureza.

Sim, somos; seremos sempre republicanos, combateremos pela nossa idéa até que salvemos, enquanto é tempo, o paiz de uma grande catastrophe.

Nós, o povo, não podemos mais supportar tanta angustia, nem ver o nosso paiz, a nossa patria perigar a beira do abysmo!...

Abatamos, pois, o throno, rompemos os reposteiros das salas dos ministros, expulsemol-os d'ahi, plantemos depois a republica e o paiz está salvo.

Basta de palanfrorios, de

projectos ridiculos, de idéas inuteis e falsas e de adulações á coroa, venha com a nossa força, com a vontade poderosa do povo o governo republicano e o Brazil levantar-se-ha do pó do obscurantismo e seguirá a senda da razão, do direito, da lei, do progresso e de seu engrandecimento.

Salvemol-o, enquanto é cedo, porque a nossa idéa é a sua unica salvação! Força herculea, portanto, coragem de ferro, indiferença aos seus actuaes governadores, Neros que a todo transe pretendem arrancar as entranhas de sua mãe—patria e salvemol-a dos eminentes perigos a que se acha exposta.

Jamais esmoreceremos no caminho encetado, seguiremol-o sempre, denodadamente com a convicção de que a nossa idéa é santa e pura: porque é a idéa da liberdade!

Desanimar é morrer, proseguir é alcançar a victoria! Proseguiremos, então.

COLLABORAÇÃO

A VICTOR HUGO

N'ayant pas vu paraître dans la presse de notre ville, aucun article français sur la mort du grand Victor Hugo; au nom de la rédaction de ce journal, je me permets, quoique petit e sans forces suffisantes, de venir, par des phrases rudes, simples, rendre hommage au grand poète.

Je voudrais pouvoir avoir son talent, sa force pour pouvoir en vers le chanter comme il le merite, mais sans rhétorique e sans vers, je ne viens qu'exprimer simplement, les sentiments vrais d'un cœur, qui honnore le grand et respecte le beau

Le chêne ombrageux du désert tout petit rampant d'abord, croît, s'élargit, se

lance, et semble vouloir cher les nues; l'orgueil est droit et ferme, mais jour furieuse de col tempête se jette sur lui ragan le bat de ses ailes gereuses; il cherche à ter avec courage, mais vain car l'ouragan se sur lui á nouveau avec de force, le dirracène l' droyé; on entend un fracas, et le chêne maj eux tombe de toute sa gueur comme l'oiseau par la balle; le soleil peu le dissèche, quelques néés après le tronc de poussière ne donne plus gne de vie:

De même, la rose ré sée par le vent tombe s, ne, perd sa couleur, sa cheur, son parfum, et s'c velit dans le gouffre de bli, sans laisser une trace de sa belle existe

Mais chez l'homme, dans la force est plus fort le chêne, fort dans les ic fort dans ses éserits, fort fendant le faible, fort battan les idéas absurdes substituants par d'aut que profitent á l'humain ayant pour glaive une pl et pour boucher son intelligence; qui dans l'amé dans la suavité, dans les fins, comme la rose élee se les esprits, comme l' le extasie l'âme, et soul l'intelligence dans les régi inconnues arrache du ce de l'homme des sentime qu'il ne connaissait pas; lui-lá meurt aussi et sa ch devient poussière que l' manité oublit vite, mais reste quelque chose qui p forte que la chair, qui ide fie l'homme á Dieu, l'imr ge de l'esprit, et le cœur l'homme reconnaissant g de bien e n'oublit pas gr en lettre d'or le grand non Victor Hugo.

Pleure, France, pleure laisse couler tes larmes sa les sécher e quand tu n' auras plus cherche dans

nde entier, il n'y en aura
s aussi, car ils les auront
tes versées: Sois orgueil-
se d'avoir été le berceau
n homme tel que Hugo;
ui qui a vingt ans, en pu-
nt son premier ouvrage
des et Ballades 1822 » a
ntre au monde ce qu'il se-
plus tard; quelques tem-
après les « Orientales »
montré quel grandeur
magination existait dans
grane, le goût, la douceur
a sensibilité tout y est ex-
mé; quelles idées! quelle
raure! et quelle force
s ses vers comme dans
Orientales:

nd son nom gigantesque entouré d'auré-
les
resse dans mon vers de toute sa hauteur
De même pourrions nous
er beaucoup d'autres ou-
ges ou son genie s'élève
ns l'immortalité comme:
Feilles d'automne, Herna-
Les misérables, Ruy Blas,
omme qui rit, ou son ta-
t se montre dans toute sa
ve et quelquefois même
trouvant pas dans le voca-
lair étroit de la langue des
ots assez forts pour expri-
er les grandes idées, que
n vaste talent fermenté, il
crée et en forme; enrichis-
nt la langue, ouvrant des
es plus vastes á la littéra-
re Victor Hugo a élevé
umanité entière il n'était
s seulement Français il
nit Cosmopolite.

Et moi, simple admirateur
ce qui est grand, de ce qui
t beau, je viens laisser cou-
une larme plaintive sur
tombeau de celui, ou le
nde entier se prosterne.
Le trio le plus beau du
nde entier vient d'être en-
veli par la mort.
Thiers, Gambetta, Hugo.
Mais leurs écrits sont là
effaçables; Peuples intelli-
ents lisez-les, suivez leurs
aximes et leurs principes
vous serez heureux!

EMILE BLUM.

NOTICIARIO

A degradação e o despeito

dos homens politicos de cer-
tas classes levam-os á pra-
tica de acções que a dignida-
de reprova!.

Os conservadores, não to-
dos, porém alguns, no intui-
to talvez de pretenderem ar-
ruinar senão demolir o cast-
ello de nossas doutrinas, di-
manadas de nossas idéas, que
pouco a pouco vão conven-
cendo o povo de que são as
mais uteis e consequentemen-
temente as mais adoptaveis,
tem tido tal procedimento
para comoseo que, por in-
dução de uns e conselhos de
outros, devolveram-nos nos-
so jornal, isto é, não nos qui-
zeram dar a honra de assi-
gnal-o.

Quem sabe se ficaram com
receio de que a leitura de
nossa folha os induza a pas-
sarem para as fileiras do ba-
tallão dos nossos denodados
soldados republicanos?...

Bem hajam os liberaes e
classistas que, em geral, nos
honraram com as suas assi-
gnaturas sem temerem a nos-
sa sedução.

Felizmente a nossa folha
tem tantos assignantes que
pode sustentar-se sem o aco-
lhimento dos srs. conserva-
dores que a guerreiam!

O dr. José Paranaguá, que
foi presidente desta provin-
cia, vai deixar-nos! Solicitou
ha muito tempo a sua demis-
são e não conseguiu-a de
prompto, não sabemos por-
que; mas a instancias suas
obeteve-a ultimamente.

Se não fomos republica-
no alguma cousa diríamos
sobre sua administração.

Vem substituil-o o dr. Pal-
meiro.. Bem vindo seja.

Sr. empresario da illumina-
ção, dê-nos luz.

Ha tres dias, não havia lu-
ar das 11 horas para meia-
noite e os lampeões das ruas
principaes da cidade estavam
apagados.

Isto não é procedimento
plausivel...

A gráve dos aguadeiros ia
sendo causa de morrer á se-
de a nossa população.

Elles, os carroceiros, tive-
rão razão; pagam impostos
e querem que as ruas, por
onde transitam, estejam em
estado de não se atolarem
os animaes que pucham as
carroças.

Os que não tem razão são
os homens da edilidade que,
não conhecendo as peripeci-
as porque passa essa classe
de homens do trabalho, não
lhe facilita, como deve, os
meios faceis de bom transito.

E' fazer pouco, muito pou-
co, nos municipes dessa clas-
se a menos favorecida!

Mais criterio, srs. da edili-
dade, e mais justiça.

Com o povo não se brinca.

Felizmente o sr. novo pre-
sidente da Camara já mandou
despejar algumas carradas
de barro (!) nos lugares que
se assemelhavão a horroso-
sos precipicios, e, cremos,
que, por alguns dias, emquan-
to não chover, teremos agua!

Logo vimos que o sr. pre-
sidente da *supra dita*
mencionada não consenti-
ria que a população desta
cidade...morresse á sede.

Ta nhem para não estar-
mos todo o dia a massacrar
a illustre edilidade, o sr. seu
presidente dava-nos muita
honra e prestaria um gran-
de serviço á saude publica
se mandasse proceler ao
varrimento e remoção do li-
xo e eseremento que immun-
dam as praças e ruas e infe-
ctam a nossa formosa capi-
tal.

Tenham paciencia se im-
portunamos. mas é para oc-
cupar-nos de assumptos de
interesse publico que existi-
mos.

Arranjem-se...quem não
quizer ser lobo...

Pelo Sr. Manoel de Almei-
da Coelho Margarida, vulgo
o poeta Margarida, fomos
honrados com um livro—o
seu 4º volume de poesias.

Parece incrivel que n'um
corpo humano sem cult.vo
da sua intelligencia haja um
ee:ebro tão fertil de sublimi-
dades!

Agradecemos a fineza.

ERRATA

No artigo em francez inser-
to na *Collaboração* desta
folha saíram alguns erros que
nos apressamos em corrigil-
os:

Na terceira pagina, quarta
columna e linha 11, onde se
lê—le dirracène le foudroyé;
—lêa-se—le derracine le fou-
droye; na linha 17, onde se
lê—dissèche, —lêa-se—des-
sèche; na 31 onde se lê—for,
lêa-se—fort; na 33 em lugar
de—combattan—lêa-se—com-
battant; na 35 em vez de—
que, lêa-se—qui; na 37 lêa-se
em vez de bouchir—boucli-
er; na 50 em vez de ler-se—
qui plus—lêa-se qui est plus
e na linha 60 lêa-se—et—em
vez de—e.

Diz-se por ahi

que os mascates da politica
monarchica, muito princí-
palmentê os da especie con-
serva...reputam tão mal a sua
fazenda,(é verdade que já é
depreciada) que o povo não
lh'a quer em condições al-
gumas...

que a *Voz do Povo* será
um obstaculo á realisacão
dos malevolos intentos des-
ses mascates, quan'o forem
mandatarios...

que a mesma tem subido
muito no conceito dos leito-
res por occupar-se exclusi-
vamente da causa do progres-
so e do desenvolvimento do
pove, sem importar-se com os
seus detractores...

que, em virtude das idéas
e do programma da *Voz do*
Povo, este já sabe o que lhe
cumpre fazer quando se tra-
tar de eleições...

Que os chefes da conser-
vancia, por causa da *Voz do*
Povo, andam mesmo embas-
bacados, n'um sarilho dos
diabos, dando por pad...
pedras e...ponto final, por
hoje.